





# SÃO JOVENS. EMIGRANTES QUALIFICADOS. E SÓ QUEREM VOLTAR

*Desde 2008 que 100 mil portugueses deixam o país todos os anos. É uma nova leva de emigração sobre a qual pouco se sabe. Falámos com quatro jovens que, ao contrário do que acontecia com os emigrantes dos anos 60, não pensam em regressar a Portugal só depois da reforma. Mas com o agravamento da crise, sentem o país a ficar mais longe*

**CATARINA FERNANDES MARTINS**

Não aponta o dedo indicador di-  
rente: “É este o objectivo.” A sua  
freite estendem-se centenas de  
hectares de planícies verdejan-  
tes e bem tratadas. O jipe todo-o-  
terreno avança sem sobressaltos  
pelo monte Silveira, a exploração  
agrícola dos primos, onde criam  
cavalos lusitanos, cabeças de ga-  
do e ovelhas. Estamos a poucos  
quilómetros do Ladoeiro, na região da Beira  
Baixa. Às 11h, o Sol, quase na vertical, queima  
a pele e a luz ofusca os olhos. Nos campos, os  
blocos de feno parecem feitos de ouro. Estão  
35° e o calor é quase insuportável. Mas Nuno  
não se queixa. Chegou no dia anterior de Br-  
no, na República Checa, e está com saudades  
das altas temperaturas. “Isto é espectacular.  
Lá tenho de andar com camisolas de lã no  
meio do Verão.”

Nuno Ferreira, 30 anos, podia estar a tra-  
balhar em Portugal, mas não quis viver em  
Lisboa com 500 ou 600 euros por mês. De-  
pois de acabar a licenciatura em Informáti-  
ca para a Saúde na Escola Superior de Tec-  
nologia do Instituto Politécnico de Castelo  
Branco, esteve dois meses desempregado.  
Passou algum tempo na Guiana Francesa a  
instalar painéis solares – um trabalho duro,  
em nada relacionado com a sua licenciatura,  
mas bem pago. Repetiu a experiência, na  
Martinica. A partir daí, Nuno, que sempre se  
opusera à ideia de emigrar, começou a pensar  
em procurar emprego fora do país. Enviou  
currículos para vários países e a primeira res-  
posta chegou-lhe da República Checa. Depois  
de três entrevistas por Skype foi contratado.  
Em Outubro de 2011 começou a trabalhar na  
AT&T, uma operadora de telecomunicações,  
em Brno. No seu departamento estão mais  
dez portugueses. Nuno está convencido de  
que os portugueses são bons trabalhadores  
e evoluem rapidamente. Ele próprio foi pro-  
movido ao fim de seis meses e agora dirige  
uma equipa de engenharia de redes. Tem  
consciência de que o seu ordenado – 1500  
euros – podia ser muito superior se estivesse  
na Alemanha, por exemplo, mas por agora  
está satisfeito. O custo de vida em Brno não é  
muito elevado – com habitação e respectivas  
despesas, por exemplo, gasta 260 euros – e  
Nuno consegue poupar cerca de 1000 euros  
todos os meses.

Nos últimos cinco anos, a emigração por-  
tuguesa voltou a aumentar, mas não há um  
acordo relativamente aos valores deste fenô-  
meno. Segundo dados de Janeiro de 2013, o  
Instituto Nacional de Estatística indicou que  
em 2011 teriam emigrado 44 mil portugue-  
ses. A Secretaria de Estado das Comunidades  
fala em mais do dobro, referindo que terão  
saído do país 100 mil a 120 mil portugueses  
por ano.

Pouco se sabe, também, sobre as caracte-  
rísticas desta emigração.

Jorge Malheiros, geógrafo e professor no  
Centro de Estudos Geográficos da Universi-  
dade de Lisboa, explica que “não há nenhum  
sistema de recolha de informação que nos  
permita saber com rigor a estrutura de qua-  
lificação de emigrantes”.

Segundo João Peixoto, do Instituto Supe-  
rior de Economia e Gestão da Universidade  
Técnica de Lisboa, “há mais dúvidas do que  
certezas. Não sabemos quantos [emigrantes]  
são qualificados, quantos são jovens, qual é a  
sua região de origem, qual é a sua idade”. Para  
tentar responder a estas questões, o investi-  
gador está a trabalhar neste momento num  
estudo académico que envolve os países do  
Sul da Europa – Portugal, Espanha, Itália e  
Grécia – e a Irlanda e que pretende determi-  
nar a dimensão e as características dos novos

movimentos migratórios, em particular dos  
jovens qualificados.

Os primeiros resultados deste estudo de-  
verão ser divulgados já em Setembro. João  
Peixoto adiantou à Revista 2 que, “entre to-  
dos os países da periferia, Portugal pode ser  
o mais afectado pelas saídas recentes”. Para  
o investigador, esta é uma situação “grave”,  
uma vez que “somos um país com escassez de  
jovens e de qualificações, e estão a sair dois  
dos recursos mais preciosos que temos”.

José Carlos Marques, investigador do Nú-  
cleo de Estudos das Migrações do Centro de  
Estudos Sociais da Universidade de Coimbra,  
explica que “há diversos tipos de fluxos migra-  
tórios – uns mais permanentes, outros mais  
circulares, como quando se trabalha um tem-  
po fora, se regressa a Portugal e volta a sair,  
uns de longa duração, outros de duração mais  
reduzida”, e que é difícil quantificar todas  
estas diferenças.

João Peixoto está convencido de que muitos  
dos planos destes novos emigrantes são “in-  
definidos”, isto porque o mercado de trabalho  
mudou, tornando-se mais sujeito à flexibili-  
dade e criando uma maior incerteza nos projec-  
tos de vida: “Nos anos 1960, quando se ia para  
fora, a probabilidade de encontrar emprego  
para toda a vida era gigantesca. Hoje não há  
mais empregos desses em nenhum sector e  
em nenhum país do mundo.” De acordo com  
o investigador do ISEG, grande parte dos jo-  
vens qualificados terá percursos precários.

Nuno não vinha a Portugal desde Abril de-  
ste ano. Aquilo de que tem mais saudades, diz,  
é da família, do campo, da comida e do clima  
– “por esta ordem”. Vai passar as próximas  
três semanas em contacto com tudo aquilo  
que lhe faz mais falta. Assim que chegou, co-  
meu um bife e bebeu uma cerveja portuguesa,  
enquanto assistia à vitória do seu clube, o  
Sporting, sobre a Fiorentina. Pareceu-lhe um  
bom começo. No final das férias, vai com os  
amigos até Lagos, onde alugaram uma casa  
para uns dias de praia.

No cimo do monte, Filipa Navarro, a prima  
de Nuno, recebe-o e leva-o a ver os animais.  
Quando nos aproximamos do gado que está  
a pastar, Nuno entusiasma-se: “Aquilo é que  
era...” “Aquilo” é o sonho de Nuno desde que  
em criança vivia com os pais num monte onde  
tinham ovelhas e cabras e produziam queijo  
e leite: ser agricultor. O objectivo do jovem  
é juntar dinheiro suficiente para conseguir  
ter um monte semelhante ao dos primos. À  
semelhança dos emigrantes portugueses da  
década de 1960 e 70, que construíram gran-  
diosas vivendas em Portugal, para um dia po-  
derem regressar, Nuno vai gastar o dinheiro  
que juntar na construção da sua quinta. “Que-  
ro dedicar-me à produção animal. Às vacas!”  
Enumera algumas das condições do programa  
de incentivos aos jovens agricultores e vemo-  
lo a fazer contas de cabeça. Neste momento  
tem 17 hectares de terreno dividido pelas duas  
quintas que um dia espera vir a herdar dos  
pais. Os primos têm 600. Nuno gostava de  
chegar a esse número. Ficamos com a sen-  
sação de que está tudo planeado. Como se a  
vida que tem agora fosse apenas uma etapa  
para concretizar um objectivo ulterior. No dia  
em que achar que pode investir num projecto  
que lhe garanta algum retorno, Nuno põe a  
engenharia informática de lado, volta para  
Portugal e torna-se agricultor.

A partir de Outubro vai começar a procurar  
emprego em países onde possa ganhar mais  
face à realidade portuguesa, para conseguir  
poupar mais dinheiro. Mas não pensa no Nor-  
te da Europa. Nuno quer ir para a Austrália.  
Por causa do sol.

Miguel Soares, 29 anos, está impaciente.  
Cada minuto de entrevista é um minuto em

esta está em cima da prancha de surf.  
Acompanhamo-lo de carro entre Lisboa e a  
Praia Grande. As duas semanas de férias em  
Portugal acabam dentro de dois dias e há que  
aproveitar. “Lá nunca posso ir para dentro  
de água.”

Miguel vive há três anos em Macau. Ter-  
minou o curso de Informática e Gestão de  
Empresas no ISCTE em 2008. Trabalhou co-  
mo técnico informático durante um ano e em  
2009 decidiu que estava na altura de ter uma  
experiência internacional para evoluir na car-  
reira. Através do Inov Contacto, programa  
de estágios para jovens gerido pela Agência  
para o Investimento e Comércio Externo de  
Portugal, estagiou na Companhia de Electrici-  
dade de Macau. O estágio durou seis meses e  
no final pediram-lhe para ficar. Vem uma vez  
por ano para visitar a família e os amigos, ir  
ao Bairro Alto, em Lisboa, e aos restaurantes  
de comida portuguesa, e para o “surf, surf,  
surf”. Passou grande parte dos últimos 15 dias  
na praia e ainda não está satisfeito. “Não há  
mais surf nos próximos 365 dias.” O que é  
que custa mais quando se está fora? “Quan-  
do estamos cá é que vemos o que custa estar  
lá fora. Lá é como se tivéssemos uma defes-  
sa... não pensamos nisso.” Miguel mantém  
os olhos na estrada. Não há um desvio, uma  
hesitação. Só tem mais dois dias. Temos de  
chegar à praia.

O jovem engenheiro gosta de Macau. Tem  
viajado pelo Sudeste asiático e pensa que es-  
tes três anos foram muito enriquecedores a  
nível profissional e cultural. A integração, diz,  
não foi difícil. Até porque a presença portu-  
guesa “nota-se muito nas ruas”. Miguel não  
se refere aos vestígios da administração por-  
tuguesa, que terminou em 1999, mas ao cres-  
cente número de portugueses que emigraram  
para Macau nos últimos anos.

Mas Miguel sente que perde muito por estar  
longe. “Perdemos as histórias” – o entusiasmo  
do surfista abranda por um momento. Não  
há defesas. “Perdi casamentos de amigos, o  
nascimento dos filhos deles. Tanto...” E numa  
frase resume a distância: “A vida continua e  
nós estamos do outro lado.”

Chegámos à Praia Grande. Miguel veste o  
fato de surf em poucos minutos. Queixamo-  
nos do calor. “Neste momento em Macau está  
um tufão nível 3. Estou com uma vontade de  
voltar...” – sorri, desdenhoso. E corre para  
dentro de água.

No monte Silveira, Filipa mostra ao primo  
Nuno aquilo que mudou desde a última vez  
que ele veio a Portugal. As obras no picadei-  
ro ficaram prontas e começaram outras para  
permitir receber turistas na propriedade. Al-  
guns cavalos foram vendidos. Mas o que Nuno  
quer mesmo é ver António, o filho de Filipa,  
que nasceu há um ano, no dia em que Nuno  
regressou a Brno numa das três vezes em que  
veio a Portugal em 2012. “Estávamos todos a  
ver se ele nascia enquanto o Nuno ainda esta-  
va cá, mas não foi a tempo”, diz Filipa.

Nuno também tem a sensação de que perde  
muita coisa por não estar cá. “Os primos  
estão na idade de ter filhos. Quando me fui  
embora, começaram a nascer... Agora vou  
ver o António e não sei como é que ele está.”  
Teve de pôr fim a um namoro por causa da  
distância. Nos últimos dois anos veio a Por-  
tugal seis vezes – no Verão, no Natal, e umas  
semanas entre essas duas épocas. Mas era  
complicado ver a namorada apenas duas ou  
três vezes por ano. Juntando os dias de folga,  
conseguia passar algum tempo no país, para  
além dos habituais períodos de férias. Mas a  
partir de agora só vem em Agosto e Dezem-  
bro. “Em Abril está tudo a trabalhar, não dá  
para estar com ninguém.” O bebé acorda.  
“Já não te lembrás de mim?” António ri-se e



deixa-se pegar ao colo pelo primo. Filipa está  
novamente grávida e espera-se que o segun-  
do filho nasça em Dezembro. À semelhança  
do que aconteceu antes, Nuno marcou três  
semanas de férias nesse mês. Talvez possa  
conhecer o novo bebé nessa altura.

Em Outubro de 2012, Susana Dimas,  
25 anos, decidiu trocar Portugal  
pela Suíça, mas não teve de se des-  
pedir de toda a família e não foi vi-  
ver sozinha para um país diferente.  
O pai de Susana, António Luís Di-  
mas, 53 anos, trabalhador da cons-  
trução civil, emigrou em Março do  
mesmo ano, depois de ter perdido  
o emprego. Susana e António Luís  
vivem os dois em Sion, uma comuna suíça, no  
cantão francês. Quando terminou a licen-  
ciatura em Arquitectura na Universidade Autó-  
noma de Lisboa, em Junho de 2012, Susana já  
tinha na cabeça que iria para a Suíça. Durante  
o curso, vários professores aconselharam-na  
e aos colegas a procurarem trabalho lá fora.  
Susana viu os amigos enviarem CV para mais  
de cem ateliers portugueses, sem obterem  
resposta. A jovem arquitecta nunca chegou  
a enviar o seu. “Nem merecia a pena. Pagar  
para trabalhar?!” comenta o pai.

António Luís já encara com naturalidade  
viver e trabalhar fora do país. Era recém-  
nascido quando os pais se mudaram para a  
Guiné. Com dois anos, foi viver para Angola. A



primeira vez que veio a Portugal foi depois da revolução de 1974, com 14 anos. Nessa altura não se sentia emigrante: “Aquilo era português.” Em 1991, como não arranjava trabalho no país, foi para a Alemanha. Ficou apenas seis ou sete meses. Teve receio de que Susana, na altura com três anos, não se adaptasse bem a uma escola alemã. Durante muito tempo, António Luís conduziu transportes de mercadorias por toda a Europa. “Eu tenho um grande espírito de aventura. Conheço o mundo todo.”

Susana acha que herdou esse traço do pai. “Sempre vi o meu pai a trabalhar lá fora e pensei ‘se ele consegue, também hei-de conseguir. Se aqui não está a dar, tenho de sair’.” Quando chegou à Suíça, Susana organizou uma lista com os vários ateliers de arquitectura e escolheu aquele de que gostava mais. Antes de enviar o currículo, fez um curso intensivo de francês. Tinha consciência de que precisava de falar a língua para poder trabalhar no país. Em Dezembro enviou o primeiro portefólio e em menos de um mês recebeu um telefonema para marcarem uma entrevista. Não ficou. Queriam alguém fluente. Agora está a estagiar num atelier em Sion. Na entrevista perguntaram-lhe se ela tinha disponibilidade para ficar depois do estágio e quanto pensava receber. Susana foi modesta e pediu mil francos, o que, considera, não é mau para uma estagiária que não domina a língua. O pai conta, orgulhoso, que a filha se



Miguel Soares tem 29 anos e vive em Macau há três. Tem quinze dias de férias em Portugal e ruma à Praia Grande (na fotografia) para fazer surf. Em cima, Nuno Ferreira, engenheiro informático, está emigrado na República Checa. Sonha vir a ter um monte para criar gado. No plano anterior, pai e filha, António e Susana Dimas, estão ambos na Suíça

sau bem logo à primeira, e que o primeiro projecto em que trabalhou – uma creche e centro de dia – está prestes a ser construído. Os olhos de António brilham. “A Susana foi sempre a melhor da turma.” A filha, envergonhada, desmente. Diz que teve sempre boas notas, mas que nunca foi a melhor aluna. “É frustrante. Caramba!”, desabafa António, irritado com um país onde os melhores têm de ir embora: “Mesmo quem quer ficar a trabalhar como caixa de supermercado, baixando o nível de vida, não pode. Não aceitam por serem demasiado qualificados.”

Pai e filha estão maravilhados com a Suíça. Elogiam a organização do país e a forma como os suíços estimam tudo o que lhes pertence. Estamos no Parque das Nações, sentados junto ao Pavilhão de Portugal, de Siza Vieira. As comparações são inevitáveis. “Que tipo de país é que abandona um edifício destes?”, pergunta António. Entristece-o ver o estado a que as coisas chegaram. Apesar de estar habituado a viver fora e de considerar que temos de nos adaptar às circunstâncias, gostava de viver em Portugal: “É o nosso país.” Olha à sua volta e emociona-se. Com os braços, faz um movimento abrangente. “Tudo o que eu já fiz em Portugal... A Ponte Vasco da Gama, do meio para lá, tudo o que pisar tem trabalho meu. As obras que eu fiz vão ficar.” Aquilo que mais o incomoda é ver o desgaste e a tristeza nos rostos de toda a gente. Há oito meses que Susana não vinha a Portugal. Assim que chega começa a ouvir toda a gente a lamentar-se e isso entristece-a. Susana diz não saber o que vai acontecer a Portugal. Agora, sente-se segura na Suíça e imagina-se a viver lá. No atelier tem amigos suíços e franceses, com quem faz caminhadas e piqueniques. Mas tem saudades de Portugal. E sente a falta dos amigos portugueses. Este Verão vai aproveitar para passar tempo com eles. Hoje está de volta do festival de Paredes de Coura, o seu grande plano para estas férias. Quando a jovem está mais desanimada, António tem de a apoiar: “Alicio-a a olhar para a frente. Ela sabe o que a levou à Suíça e tem de fazer por isso. Não foi lá passear. Foi semear um futuro.”

Susana ainda espera poder construir esse futuro em Portugal. Gostava de voltar e criar um projecto com os amigos. O pai já pensa de outra forma: “Já meti na cabeça que a táctica agora é outra. Agora é para ficar lá. Se me reformar cá, recebo 600 euros. Lá recebo 3000.”

Depois de almoçar num dos seus restaurantes preferidos, Nuno leva-nos a visitar uma das suas quintas, nos Escalos de Baixo, uma pequena aldeia a 12 quilómetros de Castelo Branco. O caminho para lá chegar é tortuoso e avançamos aos solavancos. Ouve-se um som de galope. Quatro cavalos aproximam-se do jipe. Como cães gigantes, vêm cumprimentar o dono. Andam livres na quinta. Ao contrário dos cavalos do monte Silveira, estes não estão tratados e não são para venda. “Uma vez vendemos um e a minha mãe chorou”, diz Nuno. *Flecha*, *Celta*, *Bruma* e *Herói* são os quatro cavalos lusitanos de estimação de Nuno. O jovem alimenta os animais e aproveita para brincar com uma cadela e com as centenas de pequenos gatos que vão nascendo na quinta. Mostra-nos as terras com as oliveiras e as árvores de fruto – laranjeiras, limoeiros, pereiras. Não produzem para venda, apenas para consumo próprio. Mas Nuno acha que esta quinta é um bom ponto de partida para o seu projecto agrícola. Ao contrário de António, Nuno quer voltar e trabalhar no país: “Não quero ser daqueles que voltam para a reforma, aos 50 ou aos 60 anos.” Espera poder fazê-lo dentro de dois anos, mas não sabe se isso será possível. “Tudo depende daquilo

que eu conseguir juntar, da situação em que o país vai ficar..." Pensa em criar família fora de Portugal? "Não! Quero que os meus filhos sejam portugueses."

Miguel nunca pensou ter filhos em Macau. "Gostava de os ter cá. Não sei se é possível, mas espero que sim." Tem esse desejo, mas não sabe como vai concretizá-lo. Aquilo que ele queria mesmo era voltar para Portugal, mas acha que isso só vai ser possível nos próximos dez ou 15 anos. Já terá constituído família em Macau por essa altura? Neste momento, voltar está fora de questão. Está convencido de que se arranjasse emprego em Portugal lhe ofereceriam o mesmo que recebia há seis anos. Para além disso, quando saiu, "ainda não havia a brutalidade de austeridade que existe hoje", pelo que Miguel não consegue imaginar quais seriam as condições reais de viver em Portugal neste momento. Acompanha a situação dos amigos e diz que eles vivem "num medo constante" – medo de perder o emprego, medo de deixar o país e ter de começar do zero, medo de não encontrar emprego lá fora. O jovem engenheiro informático segue a actualidade nacional. Quando ouve o anúncio de uma nova medida de austeridade, não vive as notícias com tanta intensidade como os amigos. Miguel não sente no bolso cada aumento dos impostos, cada corte nos subsídios, mas pensa sempre: "Estou cada vez mais longe de voltar. Portugal está cada vez mais longe."



**M**ariana Rocha Ferreira, 27 anos, vive em Nova Iorque há um ano, mas sabe que quando quiser regressar a Portugal pode fazê-lo: "Sou uma privilegiada. Tenho a oportunidade de poder voltar se quiser." Mariana conhece muitos portugueses espalhados pelo mundo e diz que "todos, sem excepção, pensam: 'Nós queremos voltar'", mesmo que não o possam fazer.

Mariana estudou Business Administration na Faculdade de Economia e Gestão da Universidade Católica do Porto e neste momento está a abrir a filial da empresa de vinho do Porto do futuro sogro em Nova Iorque. O noivo de Mariana, Fernando van Zeller, decidiu que queria tirar um MBA na Universidade de Nova Iorque. Como Mariana ia com frequência aos Estados Unidos, o casal pensou que fazia sentido mudarem-se os dois para Nova Iorque.

No dia 28 de Setembro vêm casar-se a Portugal. Para Mariana não seria possível casar-se noutro país. Nasceu, cresceu e viveu praticamente toda a vida no Porto. "Adoro, adoro, adoro. Não troco o Porto por nada. E já vivi em quatro países: antes dos Estados Unidos, fiz Erasmus em Itália, tirei uma pós-graduação em Espanha e trabalhei em Inglaterra." Só não vai casar-se no Porto porque ela e o noivo decidiram que o copo-d'água seria no Solar das Bouças, propriedade da família de Fernando, perto de Braga.

Desde há nove meses que Mariana anda entre Portugal e os Estados Unidos a tratar dos preparativos. Quando vem, tem os dias organizados praticamente ao minuto, para não deixar nada por fazer. Chegou há uma hora de Nova Iorque, mas está cheia de energia. Conduz cerca de 50 quilómetros até ao solar. Quer ver o espaço e acertar com a mãe, Madalena, responsável pela decoração, alguns pormenores. Como o tipo de flores. Mariana quer hidrâneas brancas, que provavelmente terão de vir da Holanda porque em Setembro são difíceis de encontrar. O planeamento está avançado. Mãe e filha discutem onde colo-



**Mariana Rocha Ferreira, na capela do Solar das Bouças, perto de Braga, onde se vai casar no dia 28 de Setembro. Na fotografia mais acima, na casa dos avós, no Porto, onde almoça entre os preparativos para o casamento**

car os pufes, as mesas com os aperitivos e as bebidas. Madalena quer enfeitar a entrada do solar com uns castiçais. Mariana não está convencida. Insiste em pendurar pequenas lanternas numa ramada de vinha. Madalena tira medidas e fotografias e tenta conter a filha: "Mariana, não pode ficar tudo enfeitado senão parece o S. João."

A jovem almoça em casa dos avós maternos, no centro do Porto. À mesa, Mariana quer saber se a avó já comprou o vestido que vai usar no seu casamento e pede-lhe ajuda para encontrar a oração que vai dizer nesse dia. A jovem não tem muito tempo. Vai ao cabeleireiro fazer madeixas que deverão durar até Setembro. Depois, tem de ir buscar os sapatos da boda. Mariana tem duas vidas paralelas – uma em Nova Iorque e outra no Porto, onde mantém as rotinas de sempre. Mesmo antes de começar os preparativos para o casamento, vinha a Portugal de três em três meses. É quase como se não vivesse fora. Mas não é assim. Sente que nunca está inteiramente bem: "Cá tenho saudades do Fernando e lá tenho saudades de tudo o que perco cá." O ideal é

quando estão os dois em Portugal, junto da família e dos amigos. É por isso que Mariana sabe que vão voltar, mesmo que isso implique, nas palavras da jovem, "um decréscimo económico grande". Para o casal, a qualidade de vida não se mede pelo dinheiro que se ganha e não há país que ofereça melhor qualidade de vida do que Portugal. Na verdade, Mariana, que adora Nova Iorque, admite que a cidade pode ser um "sítio horrível" para quem tem um "sentido de família" tão forte como o seu e não consegue compreender as relações efémeras que vê lá fora. Os avós de Fernando eram os melhores amigos dos avós de Mariana, que desde pequena brincava com o futuro noivo no solar onde agora se vão casar. Por tudo isto, Madalena também não tem dúvidas de que a filha vai regressar. Só a avó materna, Teté, é que não está totalmente convencida. Quando a neta foi viver para Nova Iorque, pensou que iria ver repetir-se a história do seu irmão, que emigrou aos 18 anos e por lá ficou. "Vou perder mais um para os Estados Unidos", lamentou na altura.

Mariana ainda não sabe se volta daqui a dois, três ou cinco anos. Mas sabe o que tem de fazer para garantir que não fica a viver do outro lado do Atlântico. Ao contrário daquilo que aconteceu com o seu tio-avó, os filhos de Mariana não vão ser educados nos Estados Unidos: "A única coisa certa na vida dessas crianças é que não vivem mais de dois anos em Nova Iorque." Mariana vê os filhos de amigos portugueses a viver nos EUA e considera que estão "demasiado americanizados". Quer dar aos seus filhos a oportunidade de crescerem no Porto, de viverem a poucos quilómetros dos avós e dos bisavós, de criarem amigos que durem a vida inteira – "O que eu percebo nos Estados Unidos, por exemplo, é que as pessoas fazem amigos efémeros." E de sentirem orgulho no país de que ela tanto gosta. Mariana vai voltar para Portugal para que os seus filhos sejam portugueses.

# 26

É uma nova leva de emigração: jovem, com qualificação superior, e que quer voltar para Portugal. Por agora, vem cá passar férias e até casar



RUI GAUDÊNCIO